

**GRÁTIS**  
EDIÇÃO ESPECIAL

EDITORIA  
AZUL

# BIZZ

**THE CURE**  
**NO BRASIL!**



**COBERTURA COMPLETA**  
**SHOW POR SHOW**

**UMA SUPERENTREVISTA**  
**COM A BANDA**

**+ NOSSO REPÓRTER NOS BASTIDORES**



APRO CULTURAL

**Wrangler**

**RADIO CIDADE**  
96,9 MHz

SUPLEMENTO INTEGRANTE DE BIZZ ■ NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



# EXCLUSIVO

# BIZZ



Foto Jean-Yves de Neuville

Uma das melhores bandas pop do mundo, no topo da forma, apresentando o melhor de seu repertório. Não é todo dia que isso acontece do lado de baixo do equador. Dá até para entender — com o beabá da psicologia — as críticas ranhetas dos que, uns anos atrás, cultuavam a banda como se ela fosse “vanguarda”. Quem foi aos shows com a cabeça livre e desentupida teve o privilégio de ver/ouvir/viver momentos inesquecíveis — uma banda sem egolatria, que concilia a textura de “A Forest” com a simplicidade pop de “Inbetween Days” e “Close to Me”.

E, privilégio por privilégio, quem se deu bem foi nosso repórter Jean-Yves de Neuville, escalado para o tour-de-force de ser a “sombra” de Bob Smith e seus assecclas de Porto Alegre a São Paulo, em hotéis, aviões, passagens de som, restaurantes. Eis aqui o seu diário de bordo, estendendo o privilégio aos leitores de BIZZ, colocando você nos bastidores dessa maratona. De tabela, uma entrevista mais que succulenta e, modéstia à parte, um furo mundial: a primeira audição do novo álbum do Cure. Relaxe, goze!



ROBERT SMITH (SP)



Foto R. Tucci/Azul

BORIS WILLIAMS (SP)

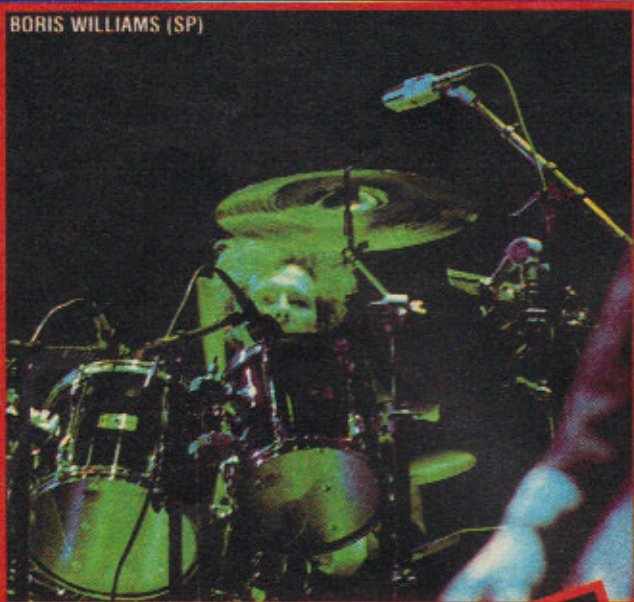


Foto Rui Mendes/Azul

POWL THOMPSON (MG)



SIMON GALLUP (RJ)



Foto Claudia Dantas/Azul

LOL TOLHURST (RJ)



Foto Claudia Dantas/Azul



# CURE

Quinta-feira, 19 de março, 18 horas. Robert Smith, Simon Gallup, Laurence Tolhurst, Porl Thompson e Boris Williams atravessam o corredor formado por seguranças e entram no ônibus, indiferentes aos gritos dos cinquenta fãs que põem o aeroporto de Porto Alegre em alvoroço há várias horas. No ar, muito nervosismo. A equipe técnica, formada por 11 integrantes, segue no outro ônibus. O Cure está no Brasil.

Uma primeira surpresa: Smith mudou de novo seu visual. Seu cabelo já cresceu. Ele responde a todas as perguntas da primeira entrevista coletiva com ar introspectivo, encolhido, pesando as palavras. Por vezes troca idéias com Simon Gallup, sempre a seu lado. Os outros preferem ficar calados. Enquanto isso, a equipe técnica já saiu para o Gigantinho, onde o trabalho de montagem do palco deverá se estender durante a noite inteira.

Sexta-feira, 20 de março. A passagem de som no Gigantinho, prevista para as 16 horas, irá atrasar até as 18. Nos camarins, uma mesa cheia de pratos basicamente vegetarianos está à espera. Durante os ensaios, à espera da hora do show, Porl Thompson se diverte com seu passatempo favorito: o skate. Com calma aparente, cada um se prepara para a apresentação. A lista das músicas que vão ser tocadas cai em minhas mãos: é praticamente o mesmo roteiro seguido durante a turnê *The Head on the Door*, do ano passado. Um pouco decepcionado, pergunto a Lol Tolhurst se não vai haver nenhuma música nova. Ele confirma.

No ginásio, o público já está entrando. Os alto-falantes tocam música de Brian Eno, Bob Marley, uma seleção de músicas tradicionais irlandesas, Kate Bush. O ginásio está cheio. As 21 horas, as luzes se apagam. Um instrumental de 5 minutos, estrondoso, leva a platéia ao delírio, enquanto a fumaça invade o palco dominado por uma luz azul. A música é "Relax", gravada por Robert Smith e Steve Severin (*The Glove*). A excitação está num ponto de não-retorno quando as cinco silhuetas aparecem em seus postos. A luz rasga o palco com os primeiros acordes de "Shake Dog Shake". Da esquerda para a direita: Porl Thompson

(guitarras, teclados, eventualmente um baixo ou um saxofone), Robert Smith (vocaís, guitarra), Simon Gallup (baixo), Laurence Tolhurst (teclados). No fundo, Boris (bateria). O que aconteceu durante essa primeira noite deverá ficar por um bom tempo na memória de quem estava presente. O público surpreendeu o próprio grupo, cantando e batendo palmas em ritmo, não apenas durante a execução das músicas mais conhecidas, como "Inbetween Days", mas também quando o grupo interpretava canções inéditas no Brasil: "Faith", faixa-título do terceiro álbum do Cure, foi o momento alto de todos os shows.

Mais tarde, Robert Smith dirá: "Fui pego de calças curtas. A gente não tocava essas canções há sete meses. Eu tinha esquecido as letras e o público me ajudou. Não consigo acreditar. Aquela gente estava realmente selvagem". A segunda noite correu sob o mesmo modelo que a precedente, agora com um assédio cada vez mais intenso dos fãs entre o hotel e o ginásio. O Cure como um todo está mais tranquilo. A provinciana Porto Alegre deu a melhor recepção possível a essa banda de provincianos ingleses.

Domingo, 22, sala de espera VIP do aeroporto de Porto Alegre, antes do embarque para o Rio. Olho com certa curiosidade Robert Smith. Ele se botou num canto da sala. Está sozinho, recolhido. A banda, no Rio Grande do Sul, apresentou principalmente músicas conhecidas no país. Em compensação, tocaram uma mundialmente inédita: "Why Can't I Be You?", no segundo bis. Uma forma de presentear e homenagear este público.

Robert medita, mergulhado profundamente num mundo que é só dele. Olho para os outros: Simon, Lol, Porl e Boris conversando entre si. Esta cena fria se repete em várias oportunidades.

No avião, resolvo quebrar o gelo distribuindo alguns jornais ingleses. Assim, eles passam a viagem inteira lendo e fazendo comentários. Porl Thompson me surpreende de novo, depois do skate: ele não se separa de uma bolsinha a tiracolo de pelúcia preta, em forma de ursinho.

A estada no Rio corre na maior



## TOUR BRASIL 87





# CURE



## TOUR BRASIL 87



Foto Jean-Yves de Neuville

Domingão, 29/03. No Maracanã, Bangu 0 x Vasco 3. Deu no painel luminoso: *Welcome to Cure!*



Foto Jean-Yves de Neuville

Hotel Rio Palace, 24/04



Foto Jean-Yves de Neuville

Pausa para as compras: Bob, Lol e Simon na drugstore do Rio Palace



Foto R. Tassi/Azul

Lol, Bob, Porl e Simon jantando com BIZZ no Govinda (SP, 31/04)



Foto D. Guastini/Azul

O Cure e o troféu de Banda do Ano dos leitores de BIZZ



Foto D. Guastini/Azul

Dia 23/03, teatro Carlos Gomes (RJ): Bisso, Kid e o Cure na festa de BIZZ





Smith posa para a capa do LP *Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me*

discrição. Ninguém sabe que o grupo está hospedado no Hotel Rio Palace. Andy, autor de várias capas, está aí. Ele veio fazer fotos da banda para o novo álbum: a capa do LP *Kiss me, Kiss me, Kiss me*, que terá na frente o close de um olho. Vontade de pôr a mão numa fita deste álbum é que não falta.

Segunda, 23 de março, 16 horas. O ambiente na coletiva de imprensa é de confusão. As perguntas correm desencontradas, desinformadas, desinteressantes. Na mesa, Robert, Lol, Porl, Simon e Boris trocam folhas de papel com desenhos e frases com piadas sobre o que está acontecendo. As coisas se arrastam até a última pergunta, proferida por um jornalista carioca e dirigida a Smith: "Quem é a verdadeira Mary (a namorada de Robert)? Simon ou Laurence?" A entrevista é interrompida. Este acontecimento merece alguns comentários. Não se questiona o direito dos jornalistas fazerem todas as perguntas que desejarem, inclusive as mais polêmicas, a partir do momento que todo o trabalho de informação já foi feito. Neste caso, ironia e agressividade não tiveram o menor efeito — se voltaram contra seu próprio autor e, mais grave, sujaram a imagem de toda a classe profissional ali presente, comprometendo o trabalho de muitos jornalistas no decorrer do resto da turnê.

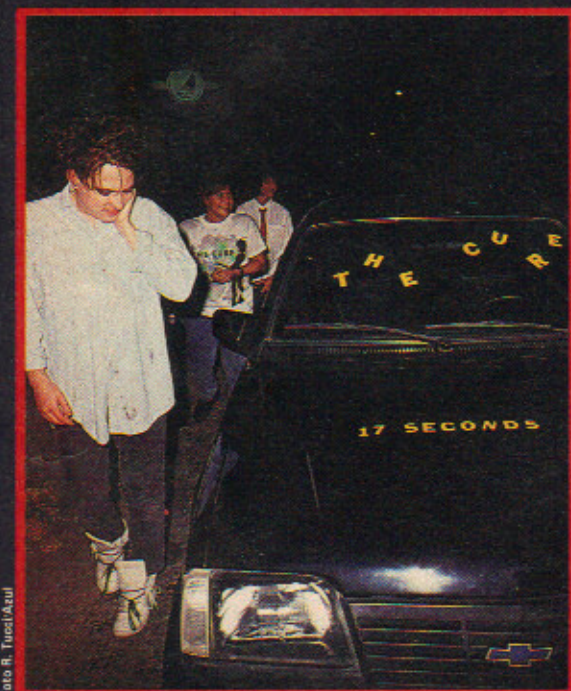
Depois de uma tarde movimentada, a banda entra no ônibus para um passeio de ida e volta até a entrega de prêmios da BIZZ. Chegaram, subiram no palco para receber o troféu e foram embora: "Não entendemos muito o que estava acontecendo, mas achamos divertido", dirá Lol, de volta ao hotel.

No bar, consigo finalmente conversar com Smith. As minhas perguntas vão imediatamente ao assunto: o novo álbum. Mas como descrever canções para alguém que não as ouviu? Robert profere as palavras luminosas: "Vamos ouvir este disco já. Assim você vai ter algo consistente para informar". Dito e feito. Meu coração está a mil por hora quando subimos com Lol, Simon e Georges (um jornalista francês, da revista *Best*) até o quarto de Robert. Sento no chão, perto do gravador que há de derramar durante duas horas a

íntegra dos novos trabalhos do Cure. Uma sensação de privilégio me domina, logo superada pelo interesse crescente pela música. O novo disco do Cure me parece o que fizeram de melhor. Ao longo das dezoito faixas, descubro grande variedade de estilos, do funk à balada mais romântica. A voz de Robert está mais afiada do que nunca. Fica uma certeza: os rapazes são mestres em construir canções pop sob medida.

Terça-feira, 24 de março, 12h30. Estou no saguão de entrada com as minhas malas. Desde ontem à noite a banda manifestou o desejo de viajar de ônibus para Belo Horizonte, dispensando o avião. A ideia mostra muito exatamente o espírito da banda: aceitam se encaixar dentro do sistema... até certo ponto. Dentro dele, procuram agir com o máximo de liberdade possível. Mas, desta vez, a máquina é mais forte, e acabamos tomando o caminho do aeroporto. O voo é chato e sem histórias. A chegada ao hotel Real Palace, idem. Estou no meu quarto há minutos quando toca o telefone. Arthur Couto Duarte, editor do *Gass*, o único fanzine digno desse nome no Brasil, me espera na recepção. Não foi difícil convencer Simon e Laurence a dar uma entrevista. Os músicos fazem algumas revelações: Laurence conta que a mãe dele morreu durante as gravações do LP *Pornography*. Talvez seja uma explicação das mais convincentes para a depressão daquele álbum. Pergunto a Simon se ele chegou alguma vez a assistir a um show do Cure quando estava separado da banda (82/85). Sim. Bastante empolgado, ele conta essa experiência: "Da platéia, consegui entender o verdadeiro sentido do grupo, aquilo que ele sempre representou, e tive vontade de voltar". É a primeira vez que vejo Simon tão sério. Para maiores detalhes, leiam o *Gass* n.º 9.

A conversa é tão interessante que continua no meu quarto com Laurence e Bruno, um integrante da equipe técnica. De todos os membros da banda, Laurence "Lol" Tolhurst talvez seja o mais comunicativo, prestativo. Muito engajado, ele representa uma espécie de garantia de que o Cure nunca irá perder seu espírito anticonformista. É o guardião da integri-



Bob Smith e o *Curemovel*, uma homenagem das fãs paulistas



*Kiss Me, Kiss Me, Robert*: de nome de LP a apelo das tietes

Foto R. Tucci/Agul

Foto R. Tucci/Agul



# CURE



## TOUR BRASIL 87

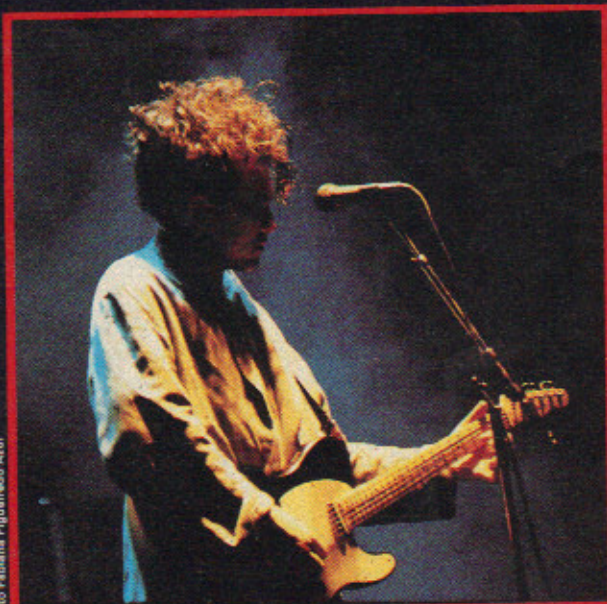


Foto Fabiana Figueiredo/Azul

Bob no Mineirinho (25/03): casa meio cheia, platéia dividida



Foto R. Tuel/Azul

Fim da tour em SP (02/04): um dos pontos altos



Foto R. Tuel/Azul

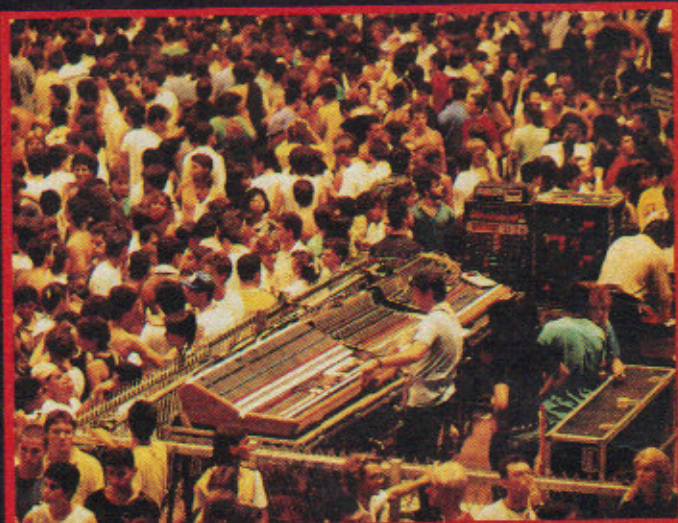


Foto R. Tuel/Azul

Ginásio do Ibirapuera (SP): três shows para quase 60 mil pessoas. Acima, as mesas de som e de iluminação



Foto R. Tuel/Azul

SP, 02/04: levantando a platéia com músicas do repertório antigo, como "A Forest", "Faith" e "10:15"



Foto Claudio Dantas/Asul

Port: entre guitarra, teclado e sax





Foto Fabiana Figueiredo/Azul

Smith e o violão, para "Inbetween Days" e "The Blood"



Foto R. Tates/Azul

Simon, o homem do baixo: a volta do filho pródigo em 1985

dade do grupo... Em compensação, Simon Gallup é o curinga, o brincalhão da banda. É frequente vê-lo surgir de repente do camarim dando gritos grotescos e dizendo coisas incompreensíveis. É também o último a se levar a sério: "Não sou obrigatoriamente um baixista", diria ele. "Gosto de ser baixista porque estou no Cure."

Quarta-feira, 25 de março. Esta cidade, aparentemente tão pacata, nos saúda com uma manifestação de rua dos bancários. Na frente do hotel a bagunça é geral. Não se sabe mais quem é fã e quem é manifestante.

À tarde, deixamos o hotel para conhecer o Mineirinho. Pouco antes da chegada, o ônibus quebra. Todos terminam o trajeto de carona. Em compensação, o único show previsto em terras mineiras deve correr sem maiores surpresas, em um ginásio cheio em 70%.

Na volta ao hotel, um drama. Descubro que o Cure vai voltar ao Rio de Janeiro de ônibus. Descubro também que, por ordem de Chris Parry — o empresário da banda e dono da Fiction Records —, não vou poder participar dessa viagem.

Quinta-feira, 26 de março. Tenho pouco tempo para reverter a situação. Minha passagem de avião está marcada para as 13h15. Não tem jeito. O manager é mais teimoso que todos os mineiros ali presentes. "Você vai ter mesmo que voltar de avião..."

Rio de Janeiro, meia-noite. Apesar da longa viagem, Boris Williams vai dar uma esticada na boate do hotel. Dos cinco, é aquele que se encaixa mais no "espírito rock'n'roll pronto-para-todas..." Recebo o recado de que a minha entrevista exclusiva com Robert Smith está confirmada para o dia seguinte, às 15 horas.

Sexta-feira, 27 de março. Às 15h30, Smith está à minha frente. Calmo, circunspecto, procura sempre as palavras antes de responder a uma pergunta. Ele mostra uma clareza fora do comum em suas análises. Sem dúvida, uma inteligência brilhante e refinada. 17h30: a entrevista termina. Antes de entrar no elevador, ele se volta para mim e grita: "Muito boa!" Tenho apenas cinco minutos para pegar minhas coisas no quarto. No saguão de entrada do hotel, encon-

tro Robert de novo. Ele me entrega as duas fitas do novo álbum: "Você precisa ouvir isso melhor..." No ônibus, a caminho para o Maracanãzinho, meu *walkman* está no último volume.

O calor que abafa o ginásio vai ficando cada vez mais forte à medida que o público vai entrando. Pela primeira vez vejo os músicos sofrerem. A temperatura deve beirar os 40 graus. O concerto que se segue talvez seja o mais memorável da turnê. Para falar a verdade, do ponto de vista técnico, as coisas não andaram muito bem. O encoramento das guitarras, dilatado pela temperatura, desafinou os instrumentos. Mas tudo passou despercebido pela maioria dos espectadores que lotavam o Maracanãzinho. Entre os pontos altos do show, ninguém vai esquecer o momento de graça que aconteceu durante a execução de "Faith". A batida envolvente foi acompanhada pelas palmas da plateia, com milhares de isqueiros se acendendo em ritmo. Essa Robert Smith e seus *curados* não vão esquecer tão cedo. Um arrepio de beleza e comunhão entre o artista e a plateia. De repente, lembro que a canção tem por título "Fe"... Uma coincidência? De volta ao hotel, tranco-me no quarto e fico ouvindo as fitas até altas horas da madrugada.

Sábado, 28 de março. Acordo com o gravador a meu lado. Fico trancado até a hora da saída do ônibus, de medo que alguém lembre que estou com essas fitas... Já nos camarins do ginásio acontece o que eu temia — Mick, o chefe da equipe técnica, diz que "Robert está pedindo as fitas de volta..." Só me resta devolver. O segundo show, ajudado por uma temperatura mais amena, foi melhor tecnicamente. A vibração do público, ainda que impressionante, não chegou a atingir o estado de graça da véspera.

Domingo, 29. Dia de descanso. Nos vários bares do hotel e na piscina, todos aproveitam. 16 horas: um comboio de três carros sai para o Maracanãzinho. Lá, uma dificuldade: o diretor do ginásio impõe uma condição. Só seria permitida a entrada na tribuna de honra de terno e gravata (!!!!!). Vencidas as dificuldades, outra surpresa espera a banda: nosso famoso beijoqueiro — que provavelmente



adivinhou o nome do novo disco — se precipita no momento oportuno sobre Simon Gallup, errando o alvo. Violentamente rechaçado pela segurança, ele consegue, no entanto, voltar ao ataque e tenta agarrar Boris Williams. Finalmente, ele é expulso do local. 21 horas: todos se reúnem no *lounge* principal, à espera do início da festa que a Polygram oferece à banda na boate do hotel.

O ambiente não poderia ser melhor. Aproveito para fazer algumas perguntas a Porl Thompson. O universo dele é a música e um instrumento — a guitarra. Seus modelos: Jimi Hendrix e Jimmy Page. Conta com orgulho que possui uma das vinte Fender Telecaster 1957 que existem no mundo. Confessa que odeia os teclados quando questiono sua postura um tanto quanto displicente no palco em relação a este instrumento. É capaz de agarrar um saxofone e até um baixo quando for preciso, mas não abre mão

da guitarra. No ano que vem, quer deixar os teclados.

Segunda-feira, 30 de março. É com dificuldade que consigo emergir da cama. Cancelada a entrevista coletiva em São Paulo, a banda resolveu curtir o sol carioca por mais um dia. Mesmo assim, resolve voltar a São Paulo, onde a redação desta revista está me chamando aos gritos.

Terça-feira, 31 de março. Hoje, envelheço na cidade. Trintão. É duro. Passo o dia articulando uma idéia que me persegue desde o início da turnê: já que todos eles gostam de comida indiana, reunir a banda para um jantar no Govinda, um dos melhores restaurantes desta metrópole. As dificuldades são grandes. Oficialmente, para a recepção do hotel Hilton, o Cure ainda não chegou em São Paulo. Impossível conseguir qualquer tipo de confirmação ao convite já feito no Rio.

17 horas: consigo finalmente um contato com Robert Stephenson, o

relações-públicas do grupo. A princípio, tudo bem. Mas nada oficial. 20 horas: bato à porta do camarim no ginásio do Ibirapuera. Chris Perry está doente e ficou no hotel. Arranco finalmente um "OK" de Malcolm Ross. O ambiente que precedeu o primeiro show paulista foi o mais tenso de toda a turnê.

22h30: retiro-me antes do final do show. Corro até minha casa e, num instante, chego de táxi no hotel, com namorada, roupa nova e tudo. 23h30: a banda começa a chegar ao salão. 23h50: Malcolm Ross me avisa que Robert Smith não vai poder ir. Meia-noite: Robert Smith, em pessoa, aparece e confirma sua presença. 00h10: todo mundo no ônibus: Sirvo de guia.

00h35: vejo, como num sonho, o *staff* completo de BIZZ recebendo a banda. Vamos logo ao que interessa: um jantar delicioso está à espera. Definitivamente, o mais incrível aniversário da minha vida!

## O DISCO NOVO: UM DUPLO DE VÁRIAS FACES E VIAGENS

Como um presente especial para o nosso repórter, Robert Smith mostrou com exclusividade, em primeira mão, a fita do novo disco *Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me*, inédito no mundo inteiro. Deve ser lançado ainda em maio na Inglaterra e um mês e meio depois aqui no Brasil. Jean-Yves registrou as impressões — e a emoção — de ser o primeiro jornalista a conhecer o mais recente trabalho do Cure. Vamos a ele...

LADO 1 — "The Kiss" — Introdução de guitarra, lenta, sintetizadores envolventes. O clima retoma o período de *Faith e Pornography*.

"Catch" — Uma canção muito leve, com uma mistura de violino e sintetizadores tocando violino, tudo sugerindo fragilidade. Tocada nos dois últimos shows em SP.

"Torture" — Uma balada mais pesada, com uma linha de baixo muito criativa que vai sendo envolvida, aos poucos, pelos sinths. Envolvente e hipnótica. Tocada no último show, em SP.

"If Only Tonight We Could Sleep" — Começa com uma guitarra dialogando com uma cítara, num tom de balada que lembra viagens. Os efeitos de guitarra caem como

chuva, bem psicodélica com efeitos de flauta sintetizada.

LADO 2 — "Why Can't I Be You?" — O hit do LP. Funk com batida lembrando "Modern Love" (D. Bowie), naipes sintetizados. Robert canta com uma voz enraivecida, estranhíssima — ele nunca cantou assim. Apresentaram várias vezes durante a turnê.

"How Beautiful" — Uma balada com guitarras leves e linha de baixo simples e criativa. De repente, entram sintetizadores com timbre de acordeão: "Remember that day in Paris"... A voz intercala com acordeão e violino sintetizado.

"Snake Pit" — Batida oriental e hipnótica, longa introdução, com solos de guitarra dialogando ao longe, meio no fundo, e baixo firme e seguro. Os instrumentos vão envolvendo aos poucos, num clima de viagem psicodélica, com sonoridades indianas.

"Hey You" — Rock mais clássico. Brilhante intervenção de sax de Porl Thompson, ritmo rápido.

LADO 3 — "Just Like Heaven" — Baixo, guitarra e sintetizador numa balada meio roqueira, lenta e alegre.

"Hot Hot Hot" — Funkaço! Guitarra à la Chic, Robert barbariza com a

voz: "Hey, hey, hey yes I like it". Envolvida por um diálogo entre o sintetizador e o trompete.

"All I Want" — Rock-balada mais pesado, introdução com guitarra saturada e baixo.

"One More Time" — Canção lenta, sintetizadores flutuantes, lindas sonoridades melancólicas nos arranjos.

"Like Cuckatoos" — Balada viçante, ele canta com a boca bem próxima do microfone. Robert não conseguia cantar essa música, só foi conseguir sentado no escuro dentro do estúdio. Os sintetizadores lembram música de câmara. É a preferida dele.

LADO 4 — "King Sugar" — Nesta, a bateria em ritmo afro domina. Introdução com sax e linhas de baixo sempre inesperadas e criativas.

"Perfect Girl" — Balada em ritmo 3/4, leve e luminosa.

"1000 Hours" — Outra balada lenta, introdução com sintetizadores. Triste, lembra New Order.

"Shiver and Shake" — Rockão à la New Order, clima paroxístico.

"Fight" — Outra canção pesada, rock lento, lindo e envolvente com clima de revolta, quase uma marcha. É a preferida do grupo como um todo.



ENTREVISTA

# ROBERT SMITH

POR JEAN-YVES DE NEUVILLE



Foto W. Parry

Sexta-feira, 27 de março, 15h30. Sentado no terraço do hotel Rio Palace, esmago mais uma bituca de cigarro. Robert Smith está a minha frente. Não tem como fugir. Bem-disposto, pede um café com leite e aperta ele mesmo o botão do gravador ►

BIZZ 13

Foto Jean-Yves de Neuville



**BIZZ** — Qual é o papel de um rock star no mundo, hoje? Ele está aí para divertir apenas, ou ele pode transformar as pessoas, tendo nisso uma certa responsabilidade?

**Smith** — É uma pergunta realmente difícil. Eu nunca quis ter qualquer tipo de responsabilidade. Não estou casado, não tenho filhos. Na verdade possuo apenas poucas coisas, odeio a idéia de estar preso pelas coisas. Eu poderia viver em qualquer lugar. Isto não me incomoda. Só pelo fato de estarmos vendendo mais discos agora, dizer que a nossa responsabilidade aumentou me soa um tanto injusto. Sinto responsabilidade diante das pessoas para quem o Cure representa alguma coisa. É algo difícil de ser explicado, mas quando recebo cartas das pessoas dizendo "não se esqueça de gente", pessoas gritando atrás da gente, fotografando... penso então que é verdade. A parte do grupo da qual gosto é que as coisas que fazemos têm valor para uma série de pessoas por diversas razões, mas não acho que sou desse tipo de pessoa, não me sinto um pop star. Eu não gosto de ser alvo de muita atenção. Para falar a verdade, eu acho muito difícil suportar isso, após certo tempo... A maioria das pessoas que se consideram pop stars são irresponsáveis no pior sentido, pois dão um exemplo que não deve ser copiado, como se nada importasse a não ser o sucesso. Há muita gente assim que reduz tudo a uma questão de sucesso. É horrível. O que o Cure tem feito, ao longo dos anos, é tentar tornar bem claro que o importante é o que está envolvido na maneira como as coisas são feitas. Esse disco mesmo, não me importaria... Espero que certas pessoas gostem dele pelas mesmas razões que eu, pelo que ele é e não porque temos uma imagem assim-assado e somos um grupo que de repente ficou popular. Não gosto de pensar sobre isso. Esse é o exemplo que sempre dei para as pessoas à nossa volta. Nunca fiz nada de que me arrependesse depois. Na minha vida pessoal sim, mas com o grupo não. Não gosto de aparecer em público gritando ou vomitando de bêbado, mas também não quero me sentir como um missionário que vai percorrer o mundo todo e se meter em assuntos políticos. É algo completamen-

te diferente de sentar e colocar seus pensamentos e emoções em forma de canção... Isso não implica em responsabilidade em outras áreas. E agora as pessoas vêm, cada vez mais, perguntar o que eu penso sobre isso e aquilo... Eu não quero falar sobre nada disso! Não me sinto indicado para isso!

**BIZZ** — Por mais que eu tente lembrar, nenhuma de suas canções tem conteúdo político. O que você acha de certas tomadas de posição como aquela de Morrissey, o líder dos Smiths, que tentou justificar o suicídio de alguns fãs?

**Smith** — Em primeiro lugar, não me sentiria confortável usando o grupo como um mero veículo — há algo no Cure que está além e transcende a política. Muita gente considera a política como a realidade, como o que afeta as pessoas no plano da vida real. A música afeta as pessoas nos planos da emoção e do intelecto. Em segundo lugar, se você tem uma certa sensibilidade, se você sente uma certa compaixão, não precisa que venham lhe ensinar o beabá da política, que existem direitos humanos básicos, que as pessoas têm de ter liberdade e que se isso não acontece é uma injustiça. Sempre relutei em me envolver até em coisas como Greenpeace (movimento ecológico para o qual o Cure já contribuiu), pois tenho uma consciência aguda de que... não gosto de política partidária. Você mencionou os Smiths, não gosto deles, não gosto do Morrissey, do modo como se alinharam com o movimento vegetariano... O movimento é muito maior que o grupo e há pessoas que podem acabar desprezando o movimento porque desprezam o grupo! Posso imaginar gente dizendo, depois de nosso envolvimento: "Odeio o Greenpeace, porque odeio The Cure". Por isso prefiro colaborar de uma maneira anônima. Só depois que o movimento descobriu que eu era o "famoso cantor do Cure" que começou a vir atrás de mim e eu aceitei, porque poderia parecer que não tinha coragem de me envolver. Fez mais bem do que mal, mas o que eu temia aconteceu, gente dizendo: "O Cure e o Greenpeace foram feitos um para o outro, eles vivem num mundo irreel". Por isso, não nos envolvemos com política. É claro que, como indivíduos, fora do grupo, estamos envolvidos.

Outra coisa é que nós mesmos temos nossas divergências nesse sentido, não existe um "pensamento político" do Cure... Estamos todos entre o centro e a esquerda, mas há os mais radicais e os nem tanto. Imagino Laurence como o mais radical. Então não posso virar porta-voz e ficar dizendo o que é certo e errado. Um deles vai discordar. Temos grandes discussões, quando não estamos trabalhando, sobre coisas como política, religião... Não atrapalha nosso relacionamento. É um comportamento normal do ser humano, mas não tem nada a ver com o que eu canto. Não quero discussões e crises sobre o que eu canto.

**BIZZ** — Encontrei num dicionário de Inglês a palavra "cure". Você sabia que uma das definições da palavra, na gíria, é "pessoa excêntrica"?

**Smith** — O quê? Em inglês?

**BIZZ** — Em inglês, no dicionário Harrap's Shorter...

**Smith** — Eu não sabia disso. Que dicionário mesmo? Nunca ouvi ninguém usar a palavra nesse sentido.

**Porto Alegre foi provavelmente mais do que selvagem...**

não deve ser comum. Deve ser gíria antiga. É curioso... num sentido de "excentricidade idiota". Já disse isso antes num outro contexto, eu nunca consigo camuflar meus instintos. Se eu quero fazer alguma coisa, acabo agindo como um guerreiro em relação a ela — é algo que chegou a me criar problemas na escola. Então se não tivesse hoje essa liberdade, se não estivesse num grupo, não sei... Não gosto de pensar no que poderia ter acontecido comigo então. Com certeza, há cem anos atrás, não seria muito bem tratado. Quer dizer, a arte, a criatividade, sempre foi uma saída para as pessoas que não conseguem aceitar certos horrores da vida real. Mas me considero uma pessoa estável, embora não "certinha" do ponto de vista padrão da sociedade. A gente pode até pensar no que aconteceria se todo mundo se recusasse a encarar os absurdos da vida cotidiana. As pessoas dizem que sou excêntrico, mas não me acho nem um pouco. Só quando me comparo com os considerados "normais", mas... em comparação



em com as pessoas de quem eu gosto e com as quais me dou bem, talvez eu seja o mais equilibrado do momento!! Dentro do grupo, então...

BIZZ — *O que você achou da reação do público brasileiro? Foi uma surpresa ver as pessoas cantando?*

Smith — Sim. Isso me surpreendeu muito, o fato de saberem as letras. Eu estava preocupado... Não sabia se entendiam mesmo. Belo Horizonte tinha um público estranho, as pessoas que estavam na frente do palco pareciam estar se divertindo a valer, mas o resto — visto do palco — parecia bem menos exaltado, em comparação a Porto Alegre. Acho que Porto Alegre foi provavelmente mais do que selvagem... A primeira noite foi inacreditável... Tem sido *great* para falar a verdade. Fiquei muito contente de termos vindo de ônibus de Belo Horizonte para o Rio. Foi uma ótima decisão... Pudemos parar, sair, subir pelas colinas. Foi a primeira vez que realmente sentimos estar num país estranho, quando paramos numa cidadezinha do lado da estrada. Senão teria sido aquela história, de carro até o aeroporto, do aeroporto pro hotel... Até ontem eu não tinha percebido como este é um país horrivelmente pobre. Há uma miséria assustadora que não conseguimos ver do ônibus, na cidade. Quero dizer, é espantoso quando você pega a estrada e percebe toda a extensão de terras e que, ao mesmo tempo, não há nada ali, é louco! Estou surpreso com a diferença da cultura. Acho que isso explica a reação do público. Acho que nunca viram algo como o que a gente faz ao vivo. É uma experiência incomum e fico feliz que a reação seja tão boa.

BIZZ — *Entre as músicas que tocaram antes de vocês entrarem no palco (fiquei sabendo que é uma fita sua), tinha Brian Eno...*

Smith — Chieftains...

BIZZ — *Bob Marley...*

Smith — ... Nick Drake, Billie Holiday...

BIZZ — *Uma canção da Madonna, estou errado?*

Smith — Não é Madonna... Não sei o nome...

BIZZ — *São seus favoritos?*

Smith — Obviamente eu gosto das músicas que estão nas minhas fitas. Eu sempre achei que quando as pessoas chegam para ver um

show é legal ter uma atmosfera. Quando tocávamos em lugares menores, tínhamos até um jogo de luz preparado para isso... É legal criar um clima, em vez de subir direto para o palco, sem se preocupar com nada, tratando o público como gado. Infelizmente, pelo tamanho dos lugares em que temos tocado agora, o máximo que podemos fazer é tocar um pouco de música que eles possam curtir, mas é também um complemento. Eu jamais tocaria algo do Echo & the Bunnymen, por exemplo, pois daria margem a comparações. Na minha cabeça, posso enxergar semelhanças entre Eno, Billie Holiday e os Chieftains, mesmo que muita gente não consiga. São coisas que me fazem feliz na estrada e não antecipam nada do que nós vamos tocar. Fiquei muito surpreso com as pessoas batendo palmas e dançando quando começava a tocar Chieftains, foi genial! Isso só comprova que há semelhança, há coisas do folclore irlandês que soam parecidas com certas coisas da música folclórica brasileira.

BIZZ — *Você vê essas semelhanças? Quer dizer, com os Chieftains, é uma relação estranha... o Cure com música folclórica, tradicional...*

Smith — Pra falar a verdade, eu geralmente gosto da música tradicional de qualquer país. É o que disse na entrevista coletiva aqui, quando dissemos que a única música brasileira de que gostávamos de fato era o samba, a salsa (?)... — o tipo de música que não conseguiríamos ouvir em Londres. Para as pessoas daqui, pode passar despercebido, mas para mim é algo novo e interessante. Antes de virmos para cá, passei um mês na Irlanda — não ia para lá desde que era moleque — e ouvi os Chieftains e outras bandas tocando aquelas músicas nos bares. É ótimo! Você senta, toma um drinque e os vê tocando o que bem entendem. Não é turismo, é diversão pura. Gosto muito da música tradicional da Espanha, é linda!

BIZZ — *Você teve tempo de ouvir aquela fita que te dei de presente? (Cabeça de Nego, LP de João Bosco)*

Smith — Não... não tive. Eu ia ouvir todos os meus cassetes no ônibus e aí tive de ficar dando entrevistas. E depois o pessoal no ônibus queria dormir, não dava pra tocar nada.

Mas estou interessado...

BIZZ — ... *Você pode me dizer as suas dez mais?*

Smith — Não. O que eu posso fazer é dizer as dez que me vierem à cabeça, mas amanhã essas dez já serão outras. Há tantas coisas, por razões tão diferentes... Eu começaria com duas da minha infância, os dois primeiros compactos de que me lembro... "Help!" dos Beatles — eu tinha quatro ou cinco anos e minha irmã mais velha ficava pulando pela casa ao som dos Beatles e dos Stones... Me lembro que cresci ouvindo esses e coisas mais *hard*, como os Bluesbreakers de John Mayall, os Yardbirds, Captain Beefheart, que era o que meu irmão gostava. Me lembro bem do "Help!", até hoje acho genial, é o tipo de coisa que quis fazer com "Boys Don't Cry", música pop bem sonhadora, que também os Buzzcocks e muitos grupos britânicos tentaram reproduzir... Outra que eu gostava muito quando era criança: "These Boots Were Made for Walking", com a Nancy Sinatra. Também adoro até hoje, tenho numa dessas fitas comigo, principalmente pelo bum-bum-bum (cantarola a linha de baixo descendente da música). Uma canção alegre e safada! Muitas outras coisas, é difícil escolher... Me lembro quando "Purple Haze" chegou em primeiro lugar nas paradas, meu irmão punha sem parar. Gosto muito de Jimi Hendrix — eu gosto tanto das coisas dele principalmente pela atmosfera. Era um mestre e me inspirou muito no meu jeito de tocar guitarra. Eu nunca quis tocar como ele, mas queria ter aquela liberdade de fazer o que viesse à cabeça, isso é o mais poderoso... Também gosto muito, dessa mesma época, de "Ruby Tuesday", com os Rolling Stones... Esse era o tipo de música que ouvia em casa com meu irmão, minha irmã e os amigos deles... mesmo que eu estivesse no meu quarto, à noite, dava para ouvir, eles tocavam no último volume... Foi assim até os anos setenta, até pintarem os primeiros compactos do Marc Bolan e "Life on Mars?" de David Bowie — essa é genial. Me lembro da primeira vez que ouvi, é um marco da minha adolescência. Todos os compactos do Gary Glitter também, são todos geniais, tenho todos, mas o especial é "Do You Wanna Touch" — nós costumávamos tocar essa, então tenho uma admiração particular por ela. Ai





Foto Fabiana Figueiredo Azul

Cantor de muitos recursos expressivos, Robert Smith enlouqueceu as platéias brasileiras

## ROBERT SMITH

já temos seis... O próximo lote teria de ser da época punk, e meus favoritos seriam "Pretty Vacant", com os Pistols, de arreentar. Mas... tem tanta coisa... "Hanging Around" dos Stranglers... tenho tudo isso até hoje nesses cassetes... e os últimos dois, do pop mais atual: "Everything's Gone Green" do New Order — para mim, a melhor coisa que eles fizeram — e... e... dez não vão ser suficientes... vá lá, "Killing Moon" do Echo & the Bunnymen... Para falar a verdade, eu só pararia quando chegasse no

número cem... Há uma média de cinco compactos por ano que eu guardo como momentos preciosos, e é isso. Esqueço com facilidade o resto das paradas. A maioria dos sucessos é tão chata!

**BIZZ —** *Há partes da história do Cure — e da sua história — que a maioria das pessoas aqui desconhece. Você poderia falar sobre Blue Sunshine, o LP que você gravou com Steve Severin, o baixista dos Banshees?*

Smith — Quando toquei com os Banshees pela primeira vez, isso em

79, fiquei muito amigo do Severin, mas depois não ouvi mais até a gravação de *Faith*, em Londres. Ele apareceu com Richard Jobson (*N. da R.: vocalista/letrista dos Skids, que depois montou o Armoury Show*) e começamos a falar que devíamos fazer algo juntos. Eu sempre gostei do jeito dele tocar baixo. Mas nada aconteceu até eu voltar a participar dos Banshees, e Siouxsie partir com Budgie para fazer o *Feast* (*N. da R.: LP que o casal gravou sob a alcunha The Creatures*). Foi a oportunidade que tivemos de ficar os dois num estúdio. Nós fizemos só para ver o que ia acontecer — a idéia inicial era gravar só um compacto, só tínhamos uma canção composta e nada mais. Não me lembro muito do que rolou, para falar a verdade esse período ficou borrado na minha memória, estávamos totalmente bêbados o tempo todo. Ficávamos bebendo e gravando a noite inteira, uma curtidão. O disco é muito bom — parte dele é muito boa. Começou com uma brincadeira e foi se tornando uma coisa muito séria, no fim estávamos realmente preocupados com a recepção que ele teria, mas não fizemos nenhuma promoção, além de algumas entrevistas para a televisão inglesa, junto com a garota que cantava. Eu achei que, se eu cantasse, ficaria parecido com o Cure. Ela é uma ótima bailarina, mas uma cantora razoável — algumas canções ela fez legal, outras nem tanto —, mas queríamos uma voz feminina. No conjunto quando o álbum saiu, não aconteceu nada, por isso pensamos: "Bem, nós nos divertimos muito, mas nunca mais trabalharemos juntos de novo". Acabou acontecendo. Gravamos algumas coisas pra um segundo álbum, que se chamaria *Muscle for Dreams*, que deve estar em alguma gaveta na casa do Severin.

**BIZZ —** *Ao mesmo tempo, virou um disco cult, por assim dizer...*

Smith — É, é engraçado, parece até que anda sendo relançado em lugares onde o Cure vem se tornando popular. Nunca ganhei um tostão em cima desse disco, mas não me importo, considero-o um bom disco. É uma pena não termos investido mais uma grana para fazer um vídeo, teria chamado mais atenção.

**BIZZ —** *Tem também aquela trilha sonora do filme Carnage Visors...*

Smith — É, isso acabou saindo no lado B do cassete do *Faith*. Não sei se saiu realmente em todos os países



**Agora estamos fazendo um filme, mostrando o Cure ao vivo**

em que foi lançado; naquela época, as edições de nossos discos eram bem menores, em número limitado. Tenho um comigo aqui se você quiser ouvir. É muito bom, até hoje acho uma das melhores coisas que fizemos, é todo instrumental. O filme era um desenho animado — para falar a verdade, não saberia dizer sobre o que é, acho que ninguém sabe — só Rick, o diretor, e ele nunca contou pra gente. É um cara estranho, muito, muito estranho. Me lembro sempre dele, cabelos bem compridos, oclinhos redondos, muito alto, sempre vestido de preto e quieto. O filme era muito violento, ele o fez na garagem de sua casa.

**BIZZ** — *E a reação do público, durante a exibição?*

**Smith** — Todo mundo odiou, de verdade. Hoje em dia, as pessoas dizem: "Me lembro bem, um filme genial". Mas na época ninguém gostou, as pessoas se sentiram ameaçadas por ele, de uma certa forma... Bem, estamos fazendo um filme agora, mostrando o Cure ao vivo, mas obviamente é bem diferente, com uma idéia que eu sempre tive. É engraçado, quando estávamos excursionando para promover o *Pornography*, fizemos um outro filme, chamado *A Lock*, com pessoas de verdade. A música que fizemos pra ele é atonal, eu ficava sentado num piano martelando e em cima disso jogamos efeitos e microfonia... horrível. Não tinha mais que oito ou nove minutos — também foi odiado. Essa trilha nunca foi lançada por que... se você ouvisse... é uma barulheira mesmo, sem sentido algum.

**BIZZ** — *Esse novo filme com o Tim Pope já foi comparado ao do Pink Floyd em Pompéia... Mesmo os videoclips que ele dirigiu para o Cure têm esse clima de delírio, de desregramento dos sentidos, que parece casar perfeitamente com a música do grupo...*

**Smith** — Ele é um desses caras estranhos também. Quando o conheci, soube no ato que ele ia fazer um belo trabalho com a gente. Ele pegou um lado da minha personalidade que estava diluído no grupo e que as pessoas nunca tinham enxergado antes, uma espécie de "palhaço relaxado". Ele pegou isso e tornou bem óbvio.

Em relação ao filme, a comparação que eu faria... bem, não existem muitos filmes de bandas tocando ao vivo que não foram encenados, com uma artificialidade horrível do tipo "vejam este grupo, eles fazem sucesso mesmo, veja que jogo de luz". E o que Tim tentou fazer com a gente foi colocar a platéia como se fosse ela que estivesse no palco. Há coisas que eu gosto muito, nas quais entravam as mesmas técnicas que ele usava nos clips. Como quando tocamos "Close to Me", ele entra no palco e fica correndo, enfiando a câmara na cara de todo mundo, e eu tentando fugir dele. Coisas assim, que lhe ocorrem na hora. É um filme realmente divertido, para mim foi a primeira vez que vi como realmente é um show nosso. Adoro, já assisti algumas vezes. É claro que quem não gosta do Cure não vai gostar...

**BIZZ** — *Voltando à sua música, acho que ela é simultaneamente simples e criativa. Onde esses pontos se encontram? É um processo complexo?*

**Smith** — A canção em si, a base, é muito fácil e simples, eu já sei se vai funcionar ou não. Esse é meu trabalho — saber se vai funcionar. Por outro lado, no estúdio pode ser simples ou complexo, depende do tipo da canção, do que eu quero fazer, de quem vai tocar nela. Uma canção como "The Kiss", do disco novo, vem de uma idéia bem simples e básica mas que, ao mesmo tempo, vai acumulando instrumentos, uma muralha sonora — essa era a atmosfera que eu queria... A canção é simples, a melodia, as tónicas, é tudo bem simples, mas na hora de conseguir esse clima foi difícil pra c\*! Porque eu tinha que manter em foco tudo aquilo, enquanto punha a guitarra num só take. Fiquei dois dias só me preparando para isso, queria que fosse a coisa mais potente que eu já tivesse feito. Já uma canção como "Catch" é tão simples que a fizemos numa só tomada. Nós não sabíamos disso, mas assim que tocamos percebemos que não havia nada nem a acrescentar nem a tirar.

**BIZZ** — *Uma das mais complexas me parece ser "A Forest"...*

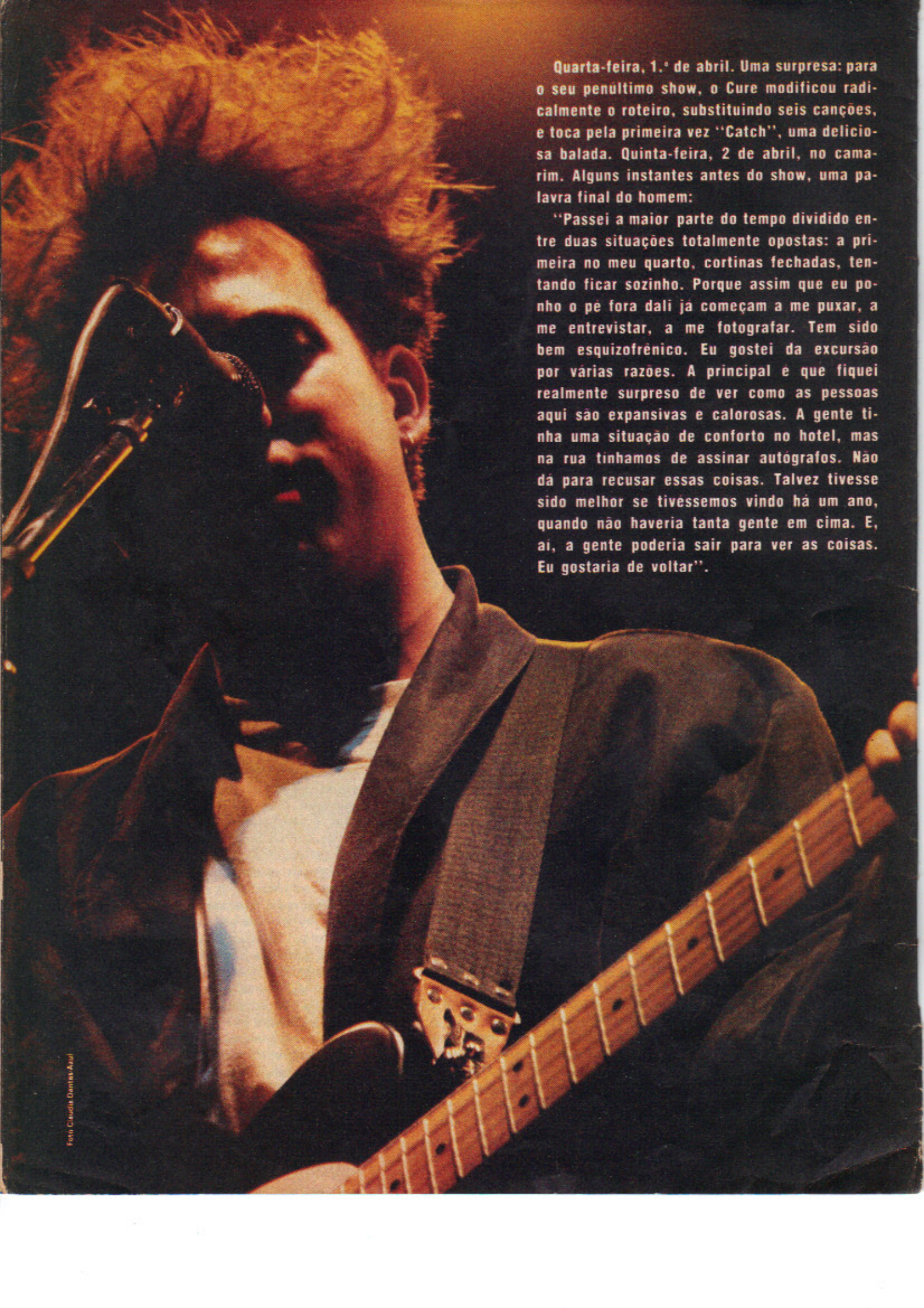
**Smith** — Esse é o aspecto que a coisa adquire quando se entra no estúdio, das possibilidades que se têm na mão — que eu odeio, para falar a verdade — de poder fazer tudo o que você quiser. Eu sempre achei que a gente não devia gravar nada que não

pudesse ser reproduzido no palco, até um certo ponto. Não há muita produção no trabalho do Cure. Canções como "All Cats Are Grey" não ficariam tão boas. Por outro lado, se não tivessem aquele som cheio, poderiam ficar até banais. Mas atualmente eu prefiro a música mais limpa e seca, por isso o disco novo não tem muita produção. O som tem de ter sua individualidade, isso é que é importante. É por isso, acho, que não há ninguém fazendo covers das músicas do Cure, acho que ninguém conseguiria direito. Não sei por que exatamente; o que concluo é que há algo ali além da canção em si.

**BIZZ** — *Para finalizar, você é otimista em relação à situação mundial? Estamos vendo uma civilização morrer ou nascer? Você é feliz neste mundo?*

**Smith** — Às vezes, sinto o mundo como um lugar bem pequeno. Outras vezes é imenso, com grandes diferenças entre os povos. Ainda assim, é pequeno em relação às pessoas que eu encontro, elas se parecem bastante. É difícil aceitar que haja um punhado de gente determinando o futuro de todas essas pessoas. Com certeza, onde eu vivo, na Grã-Bretanha, há uma forte tensão social já há uns seis, sete anos... algo vai acontecer, está acumulado. Tenho medo desse tipo de tensão numa escala internacional, principalmente do confronto entre a União Soviética e os Estados Unidos, porque o futuro do mundo inteiro está em jogo. Me parece que o Ocidente tem de aceitar que a administração soviética é, aparentemente, mais flexível e menos perigosa que a americana, se os russos forem vistos como indivíduos e não como inimigos. Isso por eles mesmos. A impressão que se tem é que, por trás da Cortina de Ferro, existe apenas uma grande massa. Imagine essas pessoas com liberdade de criação, parece que está acontecendo. No momento em que isso se transformar também em liberdade de comunicação, a guerra se torna bem mais distante. Estes anos que estamos vivendo é que vão definir para que lado a coisa vai. O problema é que basta um telefonema para começar a destruição. Me preocupa o fato desse dinheiro estar sendo gasto com armas e não com educação, saúde, arte e cultura. Mas na Grã-Bretanha alguma coisa vai acontecer, já devia ter acontecido antes que a direita tomasse o poder... ■



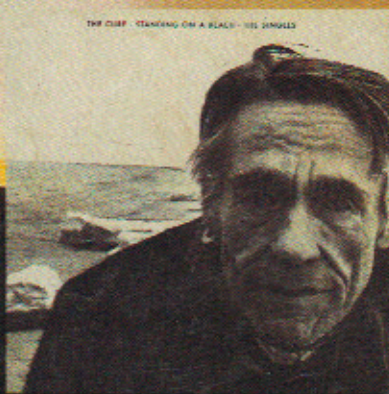


Quarta-feira, 1.º de abril. Uma surpresa: para o seu penúltimo show, o Cure modificou radicalmente o roteiro, substituindo seis canções, e toca pela primeira vez "Catch", uma deliciosa balada. Quinta-feira, 2 de abril, no camarim. Alguns instantes antes do show, uma palavra final do homem:

"Passei a maior parte do tempo dividido entre duas situações totalmente opostas: a primeira no meu quarto, cortinas fechadas, tentando ficar sozinho. Porque assim que eu pinto o pé fora dali já começam a me puxar, a me entrevistar, a me fotografar. Tem sido bem esquizofrênico. Eu gostei da excursão por várias razões. A principal é que fiquei realmente surpreso de ver como as pessoas aqui são expansivas e calorosas. A gente tinha uma situação de conforto no hotel, mas na rua tínhamos de assinar autógrafos. Não dá para recusar essas coisas. Talvez tivesse sido melhor se tivéssemos vindo há um ano, quando não haveria tanta gente em cima. E, aí, a gente poderia sair para ver as coisas. Eu gostaria de voltar".



# 250.000!



Para vender 250.000 discos no Brasil, um disco tem que ser, no mínimo, genial. Por que? Porque o brasileiro gosta de música, entende de música, o brasileiro é música. O Lp **STANDING ON A BEACH**,

do **THE CURE**, chegou às 250.000 cópias, o que representa **DISCO DE PLATINA**. Por que? Porque **THE CURE** é rock autêntico. **THE CURE** é honestidade. **THE CURE** é genial. Modéstia à parte.

PolyGram  
\*\*\*\*\*